



Limiares, limites e modalidades em “Mais ou menos em ponto”, de Paulo Leminski

Bruna Paola ZERBINATTI
(Universidade de São Paulo)

RESUMO: Partindo de um sujeito condenado a ser exato mas que deseja poder ser vago, o poema “Mais ou menos em ponto”, de Paulo Leminski, convida a uma reflexão envolvendo as modalidades e os conceitos de limite e limiar, segundo uma abordagem tensiva.

PALAVRAS-CHAVE: modalidades; tensividade; Paulo Leminski; poesia

RÉSUMÉ: *En partant d'un sujet condamné à être exact mais qui désire pouvoir être vague, le poème “Mais ou moins em ponto”, de Paulo Leminski, invite à une réflexion concernant les modalités et les concepts de limite et de seuil, selon une perspective tensive.*

MOTS-CLÉS: *modalités; tensivité; Paulo Leminski; poésie*

Quando pensamos na teoria semiótica francesa em seus primórdios e nas proposições de Greimas, um de seus notáveis fundadores, logo percebemos a preocupação com um fazer científico, ou seja, com a criação de uma teoria que se prestasse também à descrição do sentido seguindo conceitos definidos. Deste modo, ressalta-se a importância que a análise de textos ganha para o próprio desenvolvimento da teoria.

O que aqui se pretende é a análise do poema “Mais ou menos em ponto”, de Paulo Leminski, publicado no livro *La vie en close*, em 1991. Buscamos um caminho ainda longe de ser definitivo para construir a análise do poema aliando tanto as proposições mais recentes como modelos já bastante sedimentados da teoria semiótica, já que é preciso reconhecer o equívoco que há em afirmar que tudo que se propõe recentemente é eminentemente novo. Não se trata de apontamentos teóricos que surgem “do nada”, pelo contrário, constituem-se como desdobramentos daquilo que veio antes, degraus que só puderam ser construídos pressupondo a existência dos anteriores.

Para tanto, pretendemos propor uma análise que considera a maneira pela qual algumas questões referentes às modalidades, associando-se a conceitos tensivos, se constituem e se relacionam tendo como mote o que o sujeito do poema diz ser *exato* e *vago*. Assim, entre o exato e o vago coloca-se toda uma rede de significações que pode ser melhor explicitada.

Vejamos o poema:

MAIS OU MENOS EM PONTO

Condenado a ser exato,
quem dera poder ser vago,
fogo fátuo sobre um lago,
ludibriando igualmente
quem voa, quem nada, quem mente,
mosquito, sapo, serpente.

Condenado a ser exato
por um tempo escasso,
um tempo sem tempo
como se fosse o espaço,
exato me surpreendo,
losango, metro, compasso,
o que não quero, querendo.

Se logo nos primeiros versos – ou mesmo no título – se instaura a problemática do exato e do vago, uma maneira interessante de considerá-los é utilizando as noções de limiares e limites conforme propostas por Claude Zilberberg (1993). Aliás, muito mais do que considerar apenas a oposição Exato X Vago, podemos já inserir as modalidades aí envolvidas. Assim, consideramos que a condenação a ser exato é um *não poder não*

ser (exato) que se oporá a um *querer poder ser* (vago). Já está colocada nestes dois primeiros versos a dualidade que se dará em todo o poema.

Deste modo, vale explorar um pouco mais o que Claude Zilberberg entende por limiares e limites. É sempre o objeto que define se se trata de limite ou de limiar. Em verdade, existe sempre uma relação dinâmica entre ambos, sendo que algo que tinha valor de limite em determinado momento, em outro pode se tornar limiar. Se pensarmos na justiça e suas leis – seus limites – teremos diversos exemplos de transformações do que era limiar passando para limite ao longo do tempo (1993:1).

Podemos, por um lado, considerar da ordem do limite a demarcação (primeiro X último) e então característica de limiar é a segmentação (precedente X seguinte). Demarcação e segmentação, por sua vez, “convertem-se em variantes combinatórias do andamento” (1993:6); estabelecendo aceleração e alta velocidade para limites e desaceleração e lentidão para limiares. Pode-se ainda colocar o terminativo como sendo da ordem do limite e o durativo como da ordem do limiar. Portanto, estabelecemos no caso deste poema o *não poder não ser exato* como limite e o *querer poder ser vago* como limiar.

O quadro a seguir resume as noções apresentadas:

NÃO PODER NÃO SER EXATO	QUERER PODER SER VAGO
LIMITE	LIMIAR
Demarcação	Segmentação
Terminativo	Durativo
Aceleração	Desaceleração
velocidade alta	Lentidão

Se nos dois primeiros versos do poema construiu-se a oposição entre modalidades e entre vago e exato, do terceiro verso até o fim da primeira estrofe o sujeito coloca o que seria “ser vago” por meio de versos bastante figurativos.

A imagem do “fogo fátuo sobre um lago” pode ser lida como um limiar – fogo fátuo – que se sobrepõe a um limite – lago – se entendermos o fogo como algo que se espalha pelo limite físico de um lago. A própria noção de fogo-fátuo em si mesma já sugere a ordem do passageiro e estabelece uma relação com o “ludibriar” se considerarmos que dentre suas muitas definições encontra-se a referência ao boitatá, evento folclórico. Nota-se ainda que não há qualquer artigo antes de “fogo fátuo” e que, entretanto, há a presença de artigo indefinido demarcando “lago”. Verdade que o artigo, por ser indefinido, acaba por generalizar, indefinir o lago, atribuindo-lhe certa

vaguidade. Curioso perceber que dentro de um poema que se constrói de modo um tanto exato no que concerne à metrficação – quase todos os versos possuem sete sílabas poéticas – a ausência do artigo não prejudicaria a métrica destas sete sílabas por verso, já que se faz a elisão em *so/breum/*, levando-nos a crer que a opção pelo artigo é proposital.

Cabe ressaltar que não se pode falar de oposições exclusivas entre exato e vago; o que é possível notar desde já é que há certa exatidão mesmo quando se fala de vago e certa vagueza no exato. Por exemplo, seguindo os próximos versos, se o ato de ludibriar está na ordem do vago, ludibria-se “igualmente”, marcando certa exatidão.

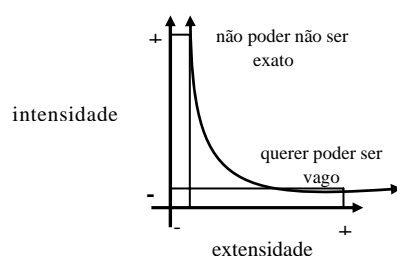
Os dois próximos versos continuam a colocar o mesmo tipo de relações em jogo, falando ainda sobre o poder ser vago. O objeto do ludíbrio é “quem voa, quem nada, quem mente”, todos estes verbos que instauram sujeitos do fazer, sendo especificados no verso seguinte por “mosquito, sapo, serpente”. Assim, se o quinto verso está na ordem do vago, abrindo uma série de possibilidades com o pronome indefinido ‘quem’ antecedendo verbos, o sexto verso estabelece limite tanto horizontalmente quanto verticalmente se pensarmos na distribuição destes versos.

De fato demarca-se que quem voa é mosquito, quem nada é sapo e quem mente é serpente. Por outro lado, considerando as figuras ali colocadas, percebemos que se constituem em uma espécie de gradação em que um animal será demarcado, será comido pelo outro, como expresso nos ditos populares:

“Em terra de sapo, mosquito não dá rasante.”
 “Em terra de cobra, sapo não chia.”

Estamos uma vez mais na presença do limite expressando o exato ainda que se esteja falando do que significaria poder ser vago.

Passando para a segunda estrofe do poema, é possível notar que ao final, o sujeito termina por ter o seu querer relativizado: “o que não quero, querendo” surpreendendo-se exato. Para que possamos verificar de que maneira isso se torna possível, cabe retomarmos a discussão sobre o exato e o vago colocando-os agora no gráfico tensivo de intensidades e extensidades:



De fato, o “não poder não ser exato” está na ordem da intensidade e estabelece uma correlação inversa com o “querer poder ser vago” no eixo da extensidade, ou seja, quanto mais intenso é esse *não poder não ser exato*, menos extenso é o *querer poder ser*

vago. Lembramos ainda que o eixo da intensidade compreende andamento e tonicidade enquanto na extensidade temos a duração e o espaço.

Assim, voltando à segunda estrofe, vemos que, se no primeiro verso há a repetição da condenação a ser exato, tal condenação agora se completa no verso seguinte: “por um tempo escasso”, afirmando a intensidade deste não poder não ser que é tônico e acelerado, pouco durativo. Esse tempo escasso vem descrito como “um tempo sem tempo / como se fosse o espaço”. Mais uma vez vê-se a aceleração, a velocidade alta de um tempo que não dura, que é “sem tempo” e que portanto se configura como um espaço, algo que, aliás, reafirma a ordem do limite explorada anteriormente.

Tal aceleração se dá mesmo no plano da expressão, já que o poema se tentava metricamente “exato” com sete sílabas poéticas em cada verso, como já dissemos anteriormente, até que nestes oitavo e nono versos, em que se expressa a aceleração no plano do conteúdo, os versos se tornem mais curtos possuindo cinco sílabas cada um. Retomando ainda a discussão da coexistência do exato e do vago, se essa quebra métrica poderia mostrar certa vagueza, há ainda a exatidão do possuir cinco sílabas nos dois versos. Além disso, o “como se fosse” reitera ainda alguma imprecisão.

É exatamente a intensidade desse não poder não ser exato que torna possível a transformação do querer do sujeito. Afirmam Zilberberg e Fontanille que:

[...] todo valor modal que aumenta em extensidade perde em intensidade, na medida em que fragmenta e dispersa esta última; querer muitas coisas é querê-las fracamente; um poder que se estende é um poder que se dilui etc. (Fontanille & Zilberberg, 2001:242).

Sendo assim, a pouca extensidade do *querer poder ser vago* é fraca diante da alta intensidade de *não poder não ser exato*, sendo esta a responsável por o sujeito *querer* o que não quer. Neste caso, a modalidade do (não) *poder* prevalece sobre a do *querer*.

Entretanto, é com surpresa que o sujeito constata essa transformação, afinal, ele se surpreende exato o que não quer, querendo. Curioso perceber que a este “exato me surpreendo” segue-se o único verso figurativo de toda essa estrofe, composto outra vez por três substantivos como se fez na estrofe anterior, porém, aqui, as três figuras são da ordem do limite e daquilo que representa exatidão: losango, metro, compasso. Se na primeira estrofe vimos que “voa, nada, mente” instituíam sujeitos do fazer, aqui há a enumeração de instrumentos do fazer traçando esse espaço exato que é um tempo sem tempo, acelerado.

Uma maneira de tratar a Surpresa é seguindo a “Noção dos Atrasos” do poeta francês Paul Valéry:

Noção dos atrasos.

O que (já) é não é (ainda) – eis a Surpresa.

O que não é (ainda) (já) é – eis a espera.

(Valéry, 1973:1290)

Assim, o tempo do sujeito surpreso é o do “não ainda” que se opõe a um “já é” que poderíamos considerar como o do *não poder não ser*. Considerando o quadro

proposto por Greimas e Courtés no *Dicionário de semiótica*, no verbete ‘Modalidade’, percebemos que o querer é tido como uma modalidade endotáxica enquanto o poder é uma modalidade exotáxica, o que lá é explicado como:

De acordo com a sugestão de M. Rengstorf, designam-se aqui como exotáxicas as modalidades capazes de entrar em relações translativas (de ligar enunciados que têm sujeitos distintos), e como endotáxicas as modalidades simples (que ligam sujeitos idênticos ou em sincretismo) (Greimas & Courtés, 1983:283).

Modalidades	Virtualizantes	Atualizantes	Realizantes
exotáxicas	<i>dever</i>	<i>poder</i>	<i>fazer</i>
endotáxicas	<i>querer</i>	<i>saber</i>	<i>ser</i>

Portanto, a surpresa na exatidão se justifica para o sujeito, considerando aquele *não poder não ser* como exotáxico, da ordem do fazer, em um tempo que “já é”, exterior a este mesmo sujeito que se constitui como de um querer endotáxico, da ordem do ser, no tempo do “não ainda”. Assim, o que pudemos observar em todo o poema é que o sujeito já era um tanto exato mesmo ainda não o percebesse.

Mas, se em tudo que era vago já havia a presença da exatidão, também não era uma exatidão pura e absoluta, um certo vago resistia no exato, como se em uma disputa entre querer e poder – apesar do reconhecimento da vitória do poder, ou melhor dizendo, do não poder, sobre o sujeito – restasse uma vagueza que o colocasse apenas “Mais ou Menos em Ponto”, reafirmando assim a existência ambígua do sujeito entre o exato e o vago, entre a surpresa e a espera.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FONTANILLE, Jacques & ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial/ Humanitas, 2001.
- GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- LEMINSKI, Paulo. *La vie en close*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- VALÉRY, Paul. *Cahiers*, tomo 1. Paris: Gallimard/ La Pléiade, 1973.
- ZILBERBERG, Claude. “Seuils, limites, valeurs”. In : *Questions de sémiotique*, sous la direction de A. Hénault. Paris :P.U.F,1993.
- [online] Disponível na Internet via WWW.URL:
<http://www.claudezilberberg.net/download/downset.htm>. Arquivo consultado em 15 de novembro de 2007.

Como citar este artigo:

ZERBINATTI, Bruna Paola. Limites, limiares e modalidades em “Mais ou menos em ponto”, de Paulo Leminski. **Estudos Semióticos**.

[online] Disponível na Internet via WWW.URL: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Editor Peter Dietrich. Número 4, São Paulo, 2008.

Acesso em “dia/mês/ano”.
